



A FILOSOFIA ECOFEMINISTA HOLÍSTICA DE MARTI KHEEL

Rafael Mendonça¹

A teoria ecofeminista é um campo de discussão desde a década de 1970. O embate ocorre tanto em oposição às estruturas sociais alheias à questão do desrespeito ao ambiente, quanto aos autores engajados na proteção dos animais e da natureza. O debate é longo e fértil, no entanto irei me restringir a analisar três artigos da ecofeminista Marti Kheel, quais sejam: (i) *Nature and Feminist Sensitivity*; (ii) *The Liberation of Nature: A Circular Affair*; e (iii) *From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge*. Esses artigos são expressivos, pois remontam com clareza (a) os argumentos da crítica epistemológica ecofeminista à estrutura de pensamento predominante no ocidente, muito similar a algumas críticas Pós-Modernas ao Paradigma da Modernidade; e (b) representam o substancial debate entre ecofeminismo *versus* ecologia profunda e *defensores homens* dos animais.

1. Críticas Teóricas

Um grande investimento teórico feito por Kheel foi apontar o que considera serem os principais erros nas filosofias ambientalistas e da libertação animal. Essa é uma característica também de outras ecofeministas, o que as faz serem alvo de críticas, pois seus opositores consideram o trabalho ecofeminista meramente uma coletânea descritiva de problemas, sem apresentação de uma proposta efetiva de mudança. De antemão, Kheel responde a essa crítica de maneira otimista, mas nos resta saber se é possível falar em uma teoria ética ambiental ecofeminista que se sustente. Mas o que leva as feministas a se distanciar dos tradicionais ambientalistas e defensores dos animais? Kheel responde foi relevante as ecofeministas terem declinado em se juntar à “caçada” por uma ética ambiental ou “teoria salvadora”. Os escritos nos quais o ecofeminismo em larga escala ignorou em seus calorosos debates são engajados predominantemente por filósofos homens, sobre como deveria se constituir a base de uma ética apropriada para o mundo natural. A

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina; Mestre em Ciência Jurídica, na linha de Hermenêutica e Princiologia Constitucional, pela Universidade do Vale do Itajaí; Bacharel em Ciências Jurídicas pela Universidade da Região de Joinville. Contato: rafael@ipz.org.br
Este artigo é fruto de meus estudos junto da Equipe de Pesquisas: “Feminismo Ecoanimalista: contribuições para superação da violência e discriminação”, ligada ao Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), coordenada pela professora Dra. Sônia T. Felipe. Sou muito grato por todos os apontamentos e correções de nossa experiente coordenadora e das colegas: Daniela Rosendo (em especial), Neide Schulte, Rosane Motta, Samantha Buglione e Tânia Kühnen; e dos colegas Alejandro Lasso e Luciano Cunha.



vasta maioria dos escritos ecofeministas tende em se concentrar na exposição da mentalidade machista de exploração direcionada contra as mulheres e a natureza. Enquanto os eticistas ambientalistas tenderam em se concentrar no “resgate” da “donzela na masmorra”, as ecofeministas se interessaram mais em perguntar como e por que a “donzela” chegou a seu presente apuro.²

Uma das características presentes na sociedade ocidental e, por decorrência, nas teorias ambientalistas, é o dualismo que estabelece polaridades estáticas nas visões de mundo (por exemplo “sujeito e objeto”, “mente e corpo”, “razão e emoção” e “cultura e natureza”). Essas dualidades têm duas características: (1) a primeira metade da dualidade é sempre mais valorizada do que a outra, e (2), a metade mais valorizada é sempre vista como *masculina* e a metade menos valorizada, como *feminina*.³

O resultado da longa caminhada do pensamento dualista na sociedade é um dos motivos responsáveis pela implacável exploração das mulheres, animais e de toda a natureza.⁴ Duas grandes imagens vêm sendo usadas para separar do humano da natureza. Uma dessas imagens tem sido a da *besta*, uma categoria aplicada a todos os não-humanos, principalmente animais de tração (e no passado a escravos e a mulheres). A besta é mal, irracional e selvagem. A ação tradicional necessária: expurgar ou matar a besta, ou o que seja considerado bestial. Conseqüentemente, para Kheel, em um nível psíquico, isso envolve expurgar todos os vestígios da animalidade humana, enquanto no nível físico-exterior, o triunfo sobre a besta é representado pela conquista do selvagem, com a concomitante exigência de expulsão da vida de milhões de animais de suas terras.⁵

A segunda imagem da natureza é a de uma *matéria sem mente*, existindo para servir as necessidades do *homem racional superior*. Nessa imagem, os animais são descritos como tendo naturezas desiguais e inferiores. São selvagens. Criaturas más que precisam ser conquistadas e subjugadas. As mulheres, por sua vez, são meras *matérias* (uma palavra que, significativamente, deriva do mesmo radical que *mãe*).⁶

Enfrentar essa visão de mundo é o desafio teórico e prático da teoria ecofeminista, ultrapassando a *ética heróica ocidental* para chegar à *ética holística*. Aqui encontramos uma metáfora interessante, proposta por Kheel, a da ética heróica. Essa ética, característica das sociedades inseridas em um paradigma machista, coaduna com os comportamentos agressivos, restringindo-os ou controlando-os. “Muitas vezes a agressão é expressamente autorizada se é

² KHEEL, Marti. From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge, p. 199.

³ KHEEL, Marti. The Liberation of Nature: A Circular Affair, p. 18.

⁴ KHEEL, Marti. The Liberation of Nature: A Circular Affair, p. 18.

⁵ KHEEL, Marti. From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge, p. 200.

⁶ KHEEL, Marti. From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge, p. 201.



canalizada por ritos.”⁷ A institucionalização da violência é uma função legitimadora semelhante à da violência ritual. A batalha heróica contra a natureza desregrada é representada como um drama ritual nas aventuras masculinas, tais quais a caça-esportiva, as touradas e os rodeios. “Uma mentalidade similar pode ser vista no ritual de degradação da mulher na pornografia e no estupro.”⁸ Para esse herói, o que importa é sua jornada épica narcísica, a sua *donzela na masmorra* é só um objeto-meio para chegar ao seu fim último, a auto-realização de seu ego grandioso.

Um ponto interessante na crítica ecofeminista de Kheel é o reconhecimento de que quando seguem uma visão dualista de mundo, os pensadores buscam se colocar do lado oposto ao dos violadores da natureza, o que lhes faz cair na lógica heróica de salvar a natureza daquele que a perturba. “O motivo é, uma vez tendo a mesma razão sido usada para tirar o valor da natureza (através da objetificação e da instituição da hierarquia) é agora solicitada, mais uma vez, a lhe conferir valor.”⁹ Para a autora, o problema que entra em questão é a posição dos eticistas ao se colocarem no *poder de atribuir valor à algumas coisas e tornando as demais, objeto de abuso*. Os eticistas ambientais não se concebem como os donos da natureza, mas como os donos do valor. Para ela, a deliberação ética sobre o valor da natureza é concebida, mais ou menos, como um esporte de competição. Eticistas heróis se vêem como “juizes” em um grande jogo que apresenta valores concorrentes para uma hierarquia que é preciso formar.

Os teóricos da libertação animal e da ética ambiental surgem de uma reação defensiva comum à agressão deliberada perpetrada sobre o mundo natural. Para Kheel, os animalistas libertários erram ao concentrar excessivamente “suas energias na proteção dos animais reduzidos à condição de matéria inerte ou máquinas – quais sejam, animais em laboratórios e granjas.” Por outro lado, os eticistas ambientalistas estão devotados à proteção daquelas partes da natureza que ainda estão intocadas, esquecendo dos demais seres. Mas o motivo subjacente continua o mesmo, o impulso masculino em defender e proteger a *donzela na masmorra*.¹⁰ De um lado a donzela abusada (cinderela), sendo salva pelos eticistas preocupados com os animais manejados; e de outro a donzela virgem (bela adormecida), com os eticistas preocupados com os ambientes naturais.

⁷ KHEEL, Marti. From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge, p. 206.

⁸ KHEEL, Marti. From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge, p. 201.

⁹ KHEEL, Marti. From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge, p. 203.

¹⁰ KHEEL, Marti. From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge, p. 203.



1.1 O racionalismo e seus limites

Nos artigos de Kheel, podemos encontrar fortes críticas ao racionalismo predominante nos diversos campos do conhecimento humano e, especificamente, na defesa da natureza. Em sua crítica ao dualismo ocidental, ela aponta que grande parte dos estudos “dentro do campo da ética ambiental podem ser vistos como uma tentativa de estabelecer racionalmente ambas as hierarquias de valor e regras universais de conduta, baseadas nesses valores.”¹¹ Ela discorda da crença de que as regras de condutas derivadas do pensamento estritamente racional possam solucionar os problemas enfrentados, pois o campo da ética ambiental se origina do crescimento de dois movimentos altamente carregados do campo emocional, o ambientalista e do direito animal.¹²

Peter Singer é o primeiro alvo em meio às críticas de Kheel, pois o movimento tomou uma nova direção com a publicação do seu livro “Libertação Animal”. Singer insiste que uma das razões para a falha do movimento anterior de defesa animal é seu apelo à emoção, em vez de argumentos pesados, lógicos e bem arrazoados.¹³ A ética na perspectiva de Singer deveria ir além do “eu” e do “tu” para, a partir de uma perspectiva do *espectador imparcial* ou *observador ideal*, gerar uma lei universal, propiciando decisões universalizáveis.¹⁴ Esse novo movimento pelos direitos dos animais e da ética ambiental, frisa Kheel, orgulhosamente se fundamenta na racionalidade e não apela, em momento algum, às emoções dos leitores para apoiarem suas decisões.¹⁵ Entretanto, cabe lembrar aqui: Singer não opera com a categoria *direito*, esse é um enquadramento equivocado de Kheel. Ao contrário, Singer afirma que é desnecessário utilizar a categoria direito, pois a ética consegue sustentar sozinha a defesa dos interesses dos animais.

Historicamente, esse racionalismo remonta a Kant e de acordo com ele o dever imposto aos agentes morais deve ser determinado pela razão pura ou lógica, despojado de todos os sentimentos e aplicado pela vontade.¹⁶ Com a supervalorização da razão, a sensibilidade e a emoção saem de cena na filosofia. Mesmo levando em conta que a maioria dos filósofos atuais não chegue a elevar a razão para a altura esperada pelos Modernos, a maioria dos teóricos ainda sentem que qualquer

¹¹ KHEEL, Marti. *Nature and Feminist Sensitivity*, p. 256.

¹² KHEEL, Marti. *Nature and Feminist Sensitivity*, p. 257.

¹³ KHEEL, Marti. *Nature and Feminist Sensitivity*, p. 257.

¹⁴ KHEEL, Marti. *The Liberation of Nature: A Circular Affair*, p. 23.

¹⁵ “Como afirma Peter Singer, ‘Em nenhum lugar neste livro, porém, eu apelo às emoções dos leitores onde eles não possam ser apoiados pela razão.’ Em outro lugar Singer elabora, “A ética não exige que nós eliminemos as relações pessoais e afeições parciais, mas ela procura que, quando ajamos avaliemos a demandas morais das pessoas atingidas pela nossa ação, *independentemente dos nossos sentimentos por elas*.” Cf. KHEEL, Marti. *The Liberation of Nature: A Circular Affair*, p. 24.

¹⁶ KHEEL, Marti. *From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge*, p. 207 e KHEEL, Marti. *Nature and Feminist Sensitivity*, p. 257.



apelo à emoção é sinônimo de não haver nenhum tipo de argumento.¹⁷ Kheel relaciona ao racionalismo exacerbado mais dois eticistas, Dieter Birnbacher e Paul W. Taylor. Similar a Singer e a toda tradição da filosofia Moderna, ela se afasta desta fundamentação centrada no sujeito da Modernidade, racional e uno (não-dividido).

Duas inconsistências nas teorias racionalistas são apresentadas por ela para enriquecer suas críticas. A primeira é a crença de que a razão é o melhor caminho para apreender o *lugar natural* do humano na natureza. Para tais escritores, ao compreender o seu *lugar natural*, o ser humano poderia saber quais deveriam ser as ações morais corretas a empreender na solução de seus dilemas morais.

No entanto, saber o *ser* não implica em um *dever*, explica Kheel:

Até onde sei, nenhum filósofo até hoje respondeu essa questão com um argumento “racional convincente”, e suspeito que nenhum irá. Para início de conversa, argumentos pragmáticos sobre como iremos destruir toda vida na Terra a não ser que encontremos nosso lugar natural na natureza, não conseguem persuadir aqueles que não têm qualquer consideração pela vida. Somente aqueles que *sentem* sua conexão com o todo da natureza, para começar, irão se interessar em sua continuação. Por vários motivos, a libertação da natureza é um círculo amoroso [*a circular affair*].¹⁸

Uma segunda teoria inconsistente se refere aos dois pilares do racionalismo: a razão e a vontade. Para ela, esse “é um ato de violência em seu próprio direito [humano]. Por denegrir o conhecimento instintivo e intuitivo, ele corta os nossos laços com o mundo natural. Mas a violência da abstração opera de outras formas também.” Essa violência da abstração está relacionada à maneira simplista e linear pela qual a maioria dos eticistas ambientais debatem sobre o valor, principalmente quando existem conflitos de interesse, o que normalmente ocorre ao pesar o valor da natureza contra o valor de uma vida humana, suas metas e planos. Em suas palavras:

O problema é convencionalmente colocado de uma forma estática e linear, destacada do contexto em que foi formado. São-nos apresentadas histórias truncadas e então somos perguntadas como pensamos que a solução deveria ser dada. No entanto, se nós não compreendemos a visão do mundo que produziu o dilema ao qual somos chamadas a considerar, não temos meios de avaliar a situação, salvo por seus próprios termos.¹⁹

Para Kheel, dois são os casos em que a razão sucumbe à intuição (ou contra-intuição). O primeiro caso se refere à subversão de selecionar emocionalmente os argumentos racionais quando os autores falham em seguir seus próprios argumentos em suas conclusões, quando essas parecem ser contra-intuitivas. Ou seja, quando um argumento é levado até seu extremo e o resultado é negativo, ele não é aplicado daquela forma, por ser contra-intuitivo. O exemplo dado por ela é que,

¹⁷ KHEEL, Marti. *The Liberation of Nature: A Circular Affair*, p. 24.

¹⁸ KHEEL, Marti. *Nature and Feminist Sensitivity*, p. 258-259.

¹⁹ KHEEL, Marti. *From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge*, p. 207.



na extensão lógica dos argumentos dos dois maiores campos na ética ambiental, poderia se advogar a total extinção da espécie humana. Isso ocorreria pois o eticista J. Baird Callicott postula que a graduação do valor de um organismo é relativa à importância desse para a estabilidade da comunidade biótica. Contudo, para Kheel, não está totalmente claro que os seres humanos contribuem positivamente, de alguma forma, para essa estabilidade e grande parte das evidências sugerem o contrário. “Analogamente, poder-se-ia argumentar que a meta utilitarista de minimização do sofrimento e da dor seriam implementadas com mais sucesso se os seres humanos refletissem o suficiente para se extinguir.”²⁰ No entanto a perspectiva de Kheel nesse aspecto está equivocada, pois a lógica não foi aplicada corretamente. A primeira premissa aplicada a segunda não nos leva logicamente a conclusão por ela sugerida, a autora faz um *salto acrobático* ao afirmar que a ação individual humana (um indivíduo não contribuir para a estabilidade do todo) levaria a conclusão de que a espécie humana não contribui pra a estabilidade do todo e assim, por decorrência, seria aceitável a extinção humana. O correto é dizer que indivíduos, grupos, classes, ainda melhor, práticas maleficientes é que não contribuem para o bem-estar do todo. Com a capacidade humana de mudar o comportamento, a extinção não se aplicaria, sua crítica só teria fundamento se as ações humanas fossem determinadas biologicamente.

O segundo caso em que a razão se torna inconsistente com seus próprios argumentos se refere ao tratamento ético de *humanos marginais*. As conclusões dos argumentos para não se tratar humanos marginais de determinada maneira (por exemplo, desconsiderar suas necessidades corporais, explorá-los em pesquisas científicas ou simplesmente lhes tirar a vida) parecem não fazer sentido a não ser que exista também razão eticamente defensável para tratar pelo menos alguns animais da mesma forma, pois as necessidades de ambos os alvos da moralidade (humanos marginais ou animais não-humanos) são semelhantes. Kheel conclui que o porquê de devermos conceder a “seres humanos marginais”, ou mesmo “seres humanos não-marginais”, seus direitos, nunca é estabelecido. “As limitações do argumento racional podem, de fato, tornar impossível provar racionalmente o porquê *de qualquer um* ou *de qualquer coisa* ter direitos. Caímos, novamente, na necessidade de conhecer e afirmar a importância do sentimento em nossas escolhas morais.”²¹

1.2. Crítica ao holismo e ao individualismo

²⁰ KHEEL, Marti. Nature and Feminist Sensitivity, p. 258.

²¹ KHEEL, Marti. Nature and Feminist Sensitivity, p. 258.



Algumas críticas às perspectivas holísticas nos artigos de Kheel demonstram seu interesse em desenvolver um *novo holismo*, comprometido com as inovações teóricas feministas. Do ponto de vista da autora, mesmo a teoria holista tendo ganhado visibilidade no século XX, junto com a revigoração da *Teoria de Gaia*, de James Lovelock, na prática, o paradigma mundial não apresentou grandes mudanças, as estruturas e as atitudes que promovem a agressão foram deixadas incontestes e na maioria dos casos aumentaram.²²

O conceito de hierarquia é uma estrutura de pensamento deixada intacta até a atualidade, encontrando variadas formas de expressão nas teorias ambientais, inclusive na teoria holista. Por mais que muitos holistas afirmem a existência de um paradigma não-hierárquico em que tudo é visto como uma parte integrante de uma rede interconectada, Aldo Leopold e J. Baird Callicott, grandes expoentes do holismo, demonstram claramente que a rede interconectada, na verdade, contém o seu próprio sistema de classificação. Esse sistema, ao reduzir o valor do ser individual, com base na posse de certas características inatas, ergue uma *nova* forma de hierarquia na qual os indivíduos são avaliados com base na sua relativa contribuição ao bem da totalidade.²³ Nesse aspecto é que surge a crítica da autora de que o que mais os holistas parecem esquecer é que o todo é constituído por seres individuais (com emoções, sentimentos e inclinações) e que estes também fazem parte do todo. Para Kheel, confiar somente na análise racional para determinar o que é o bem do *todo* faz com que ignoremos a realidade dos sentimentos individuais, bem como a sua expressão em circunstâncias singulares.²⁴

Para especificar melhor o seu ponto de afastamento do holismo tradicional, Kheel reconstitui algumas características da *ética da terra*, de Leopold. Ele sustenta que uma ação é certa quando ela tende a preservar a beleza, integridade e estabilidade da comunidade biótica e errada quando ela faz o contrário. Esta máxima amplamente citada, porém, dá uma imagem incompleta da ideias de Leopold, pois as noções de beleza, integridade e estabilidade da comunidade biótica, não seriam perturbadas, por exemplo, pelo abate de animais individuais para prazeres esportivos humanos; prática essa expressamente *reforçada* por esse autor. Na visão de Leopold, explica a autora, o instinto que encontra deleite na busca e exercício do jogo é nato na própria fibra da raça humana. Em outras palavras, para Leopold, um garoto aprende instintivamente a disparar uma arma, e, além disso, instintivamente quer caçar e matar.²⁵ A incoerência no pensamento de Leopold está por sua

²² KHEEL, Marti. From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge, p. 205.

²³ KHEEL, Marti. The Liberation of Nature: A Circular Affair, p. 19.

²⁴ KHEEL, Marti. The Liberation of Nature: A Circular Affair, p. 22.

²⁵ KHEEL, Marti. From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge, p. 205.



ética da terra estar ligada à competitividade da caça, um baluarte da visão hierárquica, violenta e machista da sociedade ocidental, assentando-se na ideia semelhante da boa esportividade (no jogo se permite competir, desde que se jogue pelas regras). Para ela é incoerente falar em ética global ou holista mantendo uma postura de desrespeito à vida alheia fundada no luxo de uma competição desnecessária. No entanto, em ambos os casos, de Leopold e Kheel, fala-se em seguir um instinto/sentimento. Para o primeiro a caça faz parte da natureza humana, para a segunda, é um luxo desnecessário.

Callicott é outro holista que recebe críticas de Kheel. Dentre elas, a primeira se refere à escala para a valoração das espécies a serem protegidas da ação humana. No topo da hierarquia estão as espécies raras e ameaçadas, por terem um direito *prima facie* à consideração preferencial a partir da perspectiva da *ética da terra*. No plano inferior da hierarquia estão os animais domésticos, apresentando uma prioridade mínima, pois muitas vezes esses animais contribuem, inclusive, para a erosão da integridade, da estabilidade e da beleza das comunidades bióticas em que tenham sido domesticados. Callicott apresenta uma equação matemática pela qual o valor de um indivíduo poderia ser calculado, qual seja: “A preciosidade de cada um dos veados, como de qualquer outro espécime, é inversamente proporcional à população da espécie.”²⁶ Kheel se afasta dessa forma perspectiva *totalitaria*²⁷, racionalista-matemática de valoração.

A autora aponta uma semelhança entre o utilitarismo e a teoria holista de Callicott: “Ironicamente, o ‘holismo’ de Callicott pode ser visto como tendo muito em comum com o utilitarismo. Em ambos os sistemas, o indivíduo é tratado como um meio para a obtenção de um bem maior.”²⁸ A semelhança ocorre pois, na ética holista, o que é bom é julgado dessa forma pois tem por referência a comunidade biótica, enquanto que, no utilitarismo, o bom é avaliado pela felicidade do maior número de membros da comunidade moral. Para ela, embora o conteúdo da hierarquia varie, a estrutura continua a mesma e com as mesmas deficiências com relação à arbitrariedade, porque em ambos os sistemas de pensamento o problema inerente sustenta a possibilidade de comparar o valor relativo de abstrações tais como *felicidade geral* ou *bem biótico* ao bem próprio do indivíduo; e ainda restam dúvidas acerca dos possíveis interesses por trás daqueles a quem devem estabelecer tais valores, os critérios e o por quê de terem o poder de

²⁶ KHEEL, Marti. *The Liberation of Nature: A Circular Affair*, p. 19.

²⁷ “Há um sentido em que os três diferentes campos, aos quais Callicott se refere na área da ética ambiental pode ser visto de forma a refletir três diferentes posições políticas: monarquistas, liberais e totalitaristas. [...] Por último, os ‘holistas,’ tais como Callicott e Leopold, pode ser comparada a totalitaristas, com sua insistência sobre a subordinação do indivíduo para o bem maior de todo o coletivo.” Cf. KHEEL, Marti. *The Liberation of Nature: A Circular Affair*, p. 20.

²⁸ KHEEL, Marti. *The Liberation of Nature: A Circular Affair*, p. 20-21.



instituir a regra.²⁹ No entanto, quando Kheel se refere ao utilitarismo, ela não informa os autores fontes de suas conclusões. Levando em conta as diferenças entre o utilitarismo clássico e o utilitarismo preferencial, podemos concluir que a autora não conhece o preferencial, no qual o bem do indivíduo não é subordinado ao bem da maioria.

A crítica seguinte é direcionada a corrente teórica oposta ao holismo, o *individualismo*. Por individualismo se entende que o bem de cada indivíduo não pode ser sobreposto pelo bem de outro indivíduo, ou mesmo pelo bem do *todo*, de sua ou de outra espécie. Para a autora, essa é mais uma forma de pensamento hierárquico dentro da ética ambiental, refletindo a tentativa dos *humanistas éticos* e *animalistas libertários* de determinar o valor de cada um dos entes da natureza. Kheel reconstitui alguns critérios utilizados por esses teóricos para determinar a considerabilidade dos indivíduos (por exemplo: sensibilidade, consciência, racionalidade, autodeterminação e interesses), mas afirma que essa é somente mais uma maneira de excluir partes da natureza da consideração moral, mesmo que eleve o estatuto de outras. O que ela quer dizer com isso é que sempre se relegará algo a esfera do “sem valor”, algo que pode ser usado como meio. O autor referenciado nesse campo é Bernard Rollin, pois ele considera que os animais merecem consideração ética, enquanto o ambiente físico (não-vivo) não tem nenhum interesse na vida e não é, portanto, um objeto direto de preocupação moral.³⁰ Na formulação dessa crítica, Kheel deixa a entender que mesmo objetos inanimados deveriam, em determinados contextos, serem valorados em si. Finalmente, na teoria de Kheel as duas escolas de pensamento, holista e individualista, estão presas dentro da mentalidade dualista ocidental e não conseguem ver que o valor moral pode existir tanto nos entes individuais *quanto* da natureza no conjunto. A falha presente nessas teorias, segundo Kheel, é a confiança na razão como o único árbitro nas nossas relações com a natureza que faz as duas escolas de pensamento parecerem distintas. Mas estas posições não são pólos opostos, nem mesmo parte de um *triângulo amoroso* [*triangular affair*]. Se aflorarmos os elementos de emoção em nossas interações com a natureza, as posições representadas por esses campos se dissolverão em diferentes pontos com valor, em um círculo. Nenhum ponto pode, assim, ser considerado mais importante do que outro. A libertação da natureza será um *círculo amoroso* [*circular affair*].³¹

2. Recepções Teóricas e Conceitos

²⁹ KHEEL, Marti. *The Liberation of Nature: A Circular Affair*, p. 20-21.

³⁰ KHEEL, Marti. *The Liberation of Nature: A Circular Affair*, p. 21.

³¹ KHEEL, Marti. *The Liberation of Nature: A Circular Affair*, p. 22.



Após analisar o conjunto de críticas formuladas por Kheel, é relevante destacar quais são as autoras e autores que ela recebe os argumentos para construir sua concepção.

Uma característica presente em seus textos é o *chamado à mudança de paradigma* para conseguir alcançar uma sociedade diferente. Kheel se utiliza do pensamento de Alison Jaggar e demonstra que a problemática com a postura dualista e dominadora faz parte de uma visão de mundo que limita as possibilidades de ver o mundo e as relações de maneira diferente. Por exemplo, por acreditarmos que os humanos são, por natureza, agressivos, a ideia de cooperação nos é enigmática. No entanto, caso fizéssemos uma mudança na base do pensamento e acreditássemos que as interações humanas se baseiam na cooperação, então o que nos pareceria enigmático seria a ideia de concorrência e dominação enigmática.³² A proposta de cooperação é o eixo principal de seu pensamento.

2.1 As críticas ao pensamento machista

Diversas críticas formuladas ao pensamento machista ou ao próprio homem advém de recepções teóricas de outras autoras. Esse é um esforço de Kheel em compreender as razões psíquicas ou mesmo biológicas que levam os homens a agir de forma inaceitável para a ética ambiental.

A primeira recepção teórica está relacionada ao que ela denomina de *psicanálise feminista*. Nessa teoria, os motivos psicológicos que levam os homens a constituir sua psique da maneira como o fazem se dá pela necessidade que eles têm de se separar violentamente do mundo feminino. De acordo com a teoria da relação-objeto, tanto bebês meninos como meninas têm uma união indiferenciada com a figura da mãe no primeiro estágio da vida. As meninas não precisam mudar sua identidade psíquica, pois se identificam com o sexo da mãe, por outro lado, os meninos são socialmente forçados a constituir uma identidade diferente da de sua mãe, isso significa não-ser-mulher, ser o oposto do feminino. Essa imposição social de não-ser-mulher faz com que a figura da mãe e todas as demais mulheres se tornem o outro, “o objeto contra o qual a identidade do menino é formada e definida.”³³

Kheel não cita especificamente nenhuma autora para endossar essa teoria, no entanto, ela se aproxima da socióloga e psicanalista feminista Nancy Julia Chodorow, cujas teorias se afastam das de Freud, principalmente por crer que, por mais que a estrutura psíquica nas crianças se inicie de

³² KHEEL, Marti. From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge, p. 207.

³³ KHEEL, Marti. From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge, p. 201.



forma bissexual e que seja a mãe o primeiro objeto sexual da criança, sua identidade masculina ou feminina não se forma tendo por referência ao falo e ao complexo de Édipo, mas sim pelo rompimento da relação unificada da criança com a mãe.

Carolyn Gilligan também é trazida para corroborar a explicação da problemática relacionada às ações masculinas. Gilligan realizou pesquisas comportamentais e concluiu que a conduta ética feminina tende a derivar de seu senso de conexão com seus pares, fundando-se nos sentimentos de cuidado e responsabilidade. Por outro lado, o sentido de moralidade masculino tende a derivar do senso abstrato de dever e de direitos. Essa concepção de moralidade via controle racional dos desejos irracionais e agressivos, utilizada pelos homens, está ligada ao paradigma machista, enquanto o feminino está conectado à mudança paradigmática holista.³⁴

Por influência de Susan Griffin, outra característica masculina criticada por Kheel está na utilização dos dramas rituais para a perpetuação de práticas violentas relacionadas à pornografia. A pornografia é, nesse caso, um drama ritual masculino resultante da negação da sua dependência das mulheres e da natureza e opressão de sentimentos.³⁵

Finalmente, Kheel recebeu de Sarah Hoagland a noção de que a forma defendida pelos ambientalistas (Leopold) e animalistas libertários (Singer), são aspectos da mesma visão de mundo, uma proteção que objetifica tanto quanto a predação.³⁶

2.2. *Holismo, espiritualidade e intuição*

As propostas e teses de Kheel também recebem influências de outros pensadores, por exemplo, na questão da aproximação entre física e espiritualidade propiciada pela física quântica. Fritjof Capra é utilizado para corroborar esse pensamento, pois demonstra que a teoria quântica atualiza a visão do universo Moderna para uma dimensão muito mais complexa, na qual “tudo está integralmente interconectado e, por conseguinte, é parte integral de um ‘todo’ maior. [...] As descobertas recentes da física quântica têm reafirmado essa visão feminista.”³⁷ Para a autora, essa teoria demonstra cientificamente o que diversas pessoas teriam experimentado no mundo espiritual: a unicidade do universo. Partindo da espiritualidade feminina, diferente da religião patriarcal³⁸,

³⁴ KHEEL, Marti. *From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge*, p. 207. Recomendo a leitura do artigo de Tânia A. Kuhnen, nesta edição, pois apresenta detalhadamente as teorias de Carol Gilligan.

³⁵ KHEEL, Marti. *From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge*, p. 201.

³⁶ KHEEL, Marti. *From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge*, p. 203.

³⁷ KHEEL, Marti. *The Liberation of Nature: A Circular Affair*, p. 18.

³⁸ “[...] a qual vê Deus como uma figura masculina de autoridade, no céu, dizendo-nos como deveríamos pensar ou sentir, não representa as necessidades de aqueles que sentem sua espiritualidade fluindo dentro de si.” Cf. KHEEL, Marti. *Nature and Feminist Sensitivity*, p. 262.



alcança-se a ética ecofeminista, fundada em um sentimento sobre a moralidade ou inclinação em relação à natureza que já reside dentro das mulheres.³⁹ Com isso, acolhendo Iris Murdoch, Kheel acredita que a moralidade não deve funcionar como um controle racional da vontade humana intrinsecamente agressiva. Para ambas, quando alguém se dirige a uma pessoa, coisa ou situação com uma relação de paciência e amor, a vontade se coloca como obediência à existência do outro.⁴⁰

Alistair S. Gunn é recepcionada quando, ao verificar os limites da razão, Kheel sugere uma ética ambiental envolvendo um *retorno ao intuicionismo*. Gunn vai mais longe, acreditando que seria necessário uma base *idealista filosófica quase-religiosa* para a ética feminista. Kheel compartilha dessa perspectiva e encontra em Tom Regan a descrença na capacidade plena da razão em estabelecer o caminho coerente para tomada de decisões morais. Para a autora, “[a] frequente referência a uma ideia ser ‘intuitiva’, ‘contra-intuitiva’, ou ‘razoável’ é, pelo menos, um reconhecimento parcial da significância da intuição ou pensamento não-racional nas decisões morais”⁴¹, o que leva Kheel a propor a fusão da razão com a intuição, gerando aquilo que Robin Morgan denominou de *sensibilidade unificada*.⁴²

2.3. O ente vivo Terra

A hipótese de que o planeta Terra é um imenso organismo vivo é recepcionada por Kheel, de Carolyn Merchant. A imagem do planeta sendo um organismo vivo e *mãe provedora* dos demais *microorganismos* que nela vivem, serve historicamente de constrangimento cultural e limita as ações exploratórias dos humanos, pois, explica Merchant: “Não é fácil matar uma mãe, cavar em suas entranhas por ouro, ou mutilar seu corpo... Enquanto a Terra era considerada viva e sensível, era [...] uma violação realizar atos destrutivos contra ela.”⁴³

A tentativa da maioria das ecofeministas em reviver a hipótese Gaia não é fundamentada na fenomenologia sistemática, mas “em um sentimento de conexão espiritual com o mundo natural. A imagem feminina da Terra simplesmente parece ter ressonância para muitas ecofeministas como um contraste com a noção patriarcal de um deus macho no céu.”⁴⁴ A ética ambiental concebida por Kheel segue reforçada por Elisabeth Dodson Gray. Para Gray, quando a humanidade possuir uma identidade capaz de desfrutar a Terra como amiga, provedora e casa, saberá que quando a Terra

³⁹ KHEEL, Marti. *Nature and Feminist Sensitivity*, p. 262.

⁴⁰ KHEEL, Marti. *From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge*, p. 208.

⁴¹ KHEEL, Marti. *Nature and Feminist Sensitivity*, p. 257.

⁴² KHEEL, Marti. *Nature and Feminist Sensitivity*, p. 259.

⁴³ KHEEL, Marti. *From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge*, p. 204.

⁴⁴ KHEEL, Marti. *From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge*, p. 204.



sentir dor, essa dor também será causada nas pessoas. Uma ética com esse teor, afirma Gray, não está na cabeça, mas nos corações e na sensibilidade das terminações nervosas humanas.⁴⁵ Para Kheel:

Com essa sensibilidade, então talvez pudéssemos dispensar as regras rígidas e hierárquicas do passado. Se orientações fossem mesmo para existir, elas poderiam simplesmente fluir do desejo de minimizar a interferência humana no resto da natureza.

Na sua forma mais elevada, essa sensibilidade talvez seja simplesmente amor, pois é o amor que unifica nossa sensibilidade e nos conecta com toda a vida.⁴⁶

Por fim, seguindo a bruxa Starhawk, a autora sustenta que o amor é o sentimento transformador nos indivíduos, aquilo que realiza as interconexões. Ao amar a si, ao mundo, e suas criaturas, é possível recuperar a capacidade humana de se moldar e moldar o mundo ao seu redor.⁴⁷

3. Propostas e Teses para a Filosofia Ecofeminista Holística

Kheel propõe a abolição das dicotomias do machismo e a *tecelagem* de novas histórias, uma nova ética ambiental. A ética atual é concebida como um instrumento para tomar decisões dramáticas no ponto em que uma crise tenha ocorrido, sem pensar qual é a sua causa ou sem entender o surgimento do conflito. A ética segue os padrões da medicina alopática ocidental (projetada para tratar a doença, em vez de manter a saúde), ou seja, foi concebida para remediar a crise, não para manter a paz. Kheel propõe considerar a ética algo menos dramático e heróico, um *ethos*, um modo de vida.⁴⁸ A ética não seria tanto “a imposição de obrigações e direitos, mas sim um desdobramento natural de como alguém vê a si, incluindo sua relação com o resto do mundo.”⁴⁹ A *crise ambiental* é, acima de tudo, uma crise de percepção. “É uma crise não só em virtude do que nossa cultura vê, mas em virtude do que não vê.”⁵⁰ Portanto, Kheel propõe uma necessária mudança paradigmática das estruturas sociais, pois,

Respeitar a natureza envolve ‘olhar novamente’. Nós não podemos nos ocupar da qualidade das relações nas quais nos envolvemos até que conheçamos os detalhes que rodeiam nossas ações e relações. Se as ecofeministas são sinceras no seu desejo de viver em um mundo de paz e não violência para todos os seres vivos, temos que ajudar umas às outras embora o processo de juntar a fragmentada visão de mundo seja penoso. Mas as peças não podem simplesmente ser remendadas. O necessário é re-tecer as velhas histórias e narrativas em uma tapeçaria multifacetada.⁵¹

⁴⁵ KHEEL, Marti. *The Liberation of Nature: A Circular Affair*, p. 30.

⁴⁶ KHEEL, Marti. *The Liberation of Nature: A Circular Affair*, p. 30.

⁴⁷ KHEEL, Marti. *The Liberation of Nature: A Circular Affair*, p. 30.

⁴⁸ KHEEL, Marti. *From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge*, p. 208.

⁴⁹ KHEEL, Marti. *From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge*, p. 200.

⁵⁰ KHEEL, Marti. *From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge*, p. 210.

⁵¹ KHEEL, Marti. *From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge*, p. 211.



A mudança não pode ocorrer somente no plano abstrato. Para Kheel, é preciso vivenciar a realidade para sentir a necessidade da mudança, pois socialmente não vemos diversas das violências ocultas. Grande parte da violência perpetrada contra o mundo natural ocorre a portas fechadas ou fora da vista da coletividade (abatedouros e desflorestamento na Amazônia, por exemplo). Para dar início às escolhas holísticas, toda história das coisas e processos devem ser conhecidos e alterados, não individualmente, mas coletivamente, pois “[e]ste não é um esforço individual. A ética holística é um compromisso coletivo, não uma tarefa solitária.”⁵²

A atitude vegana⁵³ é um exemplo de mudança de vida fundada na experiência, vivida por Kheel e que lhe foi propulsora para uma mudança de paradigma pessoal:

Se as ecofeministas falam sério sobre transformar a visão de mundo machista, temos de começar a levar a sério as nossas próprias experiências e práticas. Podemos, por exemplo, decidir, em um plano abstrato, que estamos justificados em comer carne. Mas se nós estamos dedicados a uma *práxis* ecofeminista, temos de submeter crenças abstratas a um exame prático. Temos de nos perguntar: como é que nos sentiríamos se visitássemos um matadouro ou uma granja? E como nos sentiríamos se fossemos nós mesmos matar o animal? A ética, de acordo com esta abordagem, começa com as nossas próprias respostas instintivas. Isso ocorre em um contexto holístico em que sabemos toda a história na qual nossas ações têm lugar. Isto significa repensar as histórias machistas nas quais tivemos que acreditar, como a crença de que temos de experimentar em animais para salvar a vida humana, ou a crença de que temos de comer carne para levar uma vida saudável.⁵⁴

Para ela, os escritores ambientalistas devem começar a expor abertamente suas experiências e sentimentos, demonstrando sua relevância em suas ideias e ações. Ao invés de despender tempo tentando encontrar uma linha divisória dentro da natureza, os escritores devem examinar suas próprias divisões internas (razão e emoção) visando unir essas dualidades dentro de si e experimentar na prática a total implicação de suas próprias teorias morais. Seria mais favorável à natureza se tais escritores apelassem às emoções e simpatias de seus leitores pelo argumento moral do vegetarianismo do que pelo argumento tradicional da razão.⁵⁵

Os escritores, neste domínio (predominantemente homens), têm mostrado pouco ou nenhum interesse na literatura feminista. Kheel tenta “corrigir essa negligência e mostrar que o pensamento feminista pode, na verdade, lançar nova luz sobre essa importante área de estudo.”⁵⁶ A nova luz aponta para a relação estabelecida entre a condição de submissão, exploração e violência contra a mulher e a condição análoga que vivem os animais. Essa proposta inovadora demonstra que as

⁵² KHEEL, Marti. From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge, p. 209-210.

⁵³ O veganismo é um modo de vida que tem como princípio a abolição de hábitos exploratórios da vida animal, por exemplo, não se alimentando da carne e nem de derivados de animais; não se vestindo de suas peles e pêlos, e nem os forçando a trabalhar como escravos. Para uma leitura mais aprofundada recomendo o artigo intitulado “Ética, Dietas e Conceitos”, de Sônia T. Felipe, localizado em <http://www.pensataanimal.net/artigos/38-soniafelipe/339-etica-dietas-e-conceitos> REVISTA PENSATA ANIMAL, última visualização em 28 de Janeiro de 2010.

⁵⁴ KHEEL, Marti. From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge, p. 209.

⁵⁵ KHEEL, Marti. Nature and Feminist Sensitivity, p. 263.

⁵⁶ KHEEL, Marti. The Liberation of Nature: A Circular Affair, p. 17.



estruturas do machismo são mais extensas. “A voz da mulher e a voz da natureza têm sido silenciadas no patriarcado. Mulher e natureza são consideradas objetos. Objetos não falam. Objetos não sentem. Objetos não têm necessidades. Objetos só existem para servir às necessidades dos outros.”⁵⁷ Continua ela:

Divisão e controle, não mais a conquista, são os motivos guias. A racionalidade do observador imparcial substitui o prazer psíquico da conquista. O uso de animais em laboratórios, granjas e casas de peles exemplificam essa estrutura mental, assim como o faz a imagem e o uso da mulher como “dona de casa” e “máquina reprodutora”. Na imagem anterior (bestial), a natureza é vista como uma meretriz, ela parece mais um escravo ou uma esposa.⁵⁸

Enquanto os eticistas de primeiro escalão baseiam suas análises em princípios abstratos e regras universais, as ecofeministas tendem a ressaltar o papel das metáforas e imagens da natureza. O desafio ecofeminista, sintetiza Kheel, é trabalhar com tais metáforas, imagens e sua intuição, para pintar uma *paisagem* (*landscape* ou *mapa mental*) do mundo, ao invés de criar *teorias afiadas* que possam ser usadas para ditar condutas futuras.⁵⁹ Não é possível falar da questão da ética sem admitir, antes de tudo, que já exista uma preocupação, um sentimento de cuidado pela natureza. Essa ênfase na experiência pessoal e emoção tem muito a oferecer no caminho para reformular a ética tradicional. Kheel ressalva que mesmo quando esse caminho se apresenta, inicialmente, corroborando com as divisões estereotípicas de nossa sociedade, que associam os homens à racionalidade e as mulheres à emoção, a ênfase no sentimento e na emoção não implica a exclusão da razão. Um tipo de unidade da razão com a emoção é vislumbrada por muitas feministas.⁶⁰

Tal unidade da razão com a emoção remete ao conceito e proposta de *sensibilidade unificada*, visto anteriormente. “Em sua mais alta forma, essa sensibilidade é, talvez, simples amor, pois é o amor que unifica nossas sensibilidades e nos conecta com toda a vida.” A *sensibilidade unificada*, contudo, não pode ser desenvolvida somente em um plano racional e abstrato. Igualmente não é possível aprender a amar alguém a quem nunca se tenha visto. “Com tamanha sensibilidade nós poderíamos dispensar a rigidez e as regras hierárquicas do passado. Se guias mestras devem mesmo existir, elas poderiam simplesmente fluir do desejo de minimizar as interferências humanas no restante da natureza.”⁶¹ A maneira de alcançar a *sensibilidade unificada* é a reinserção do humano na natureza, pois quando estamos fisicamente removidos do impacto direto das decisões morais, “isto é, quando não podemos ver, cheirar, ou ouvir seus resultados, nos

⁵⁷ KHEEL, Marti. From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge, p. 211.

⁵⁸ KHEEL, Marti. From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge, p. 202.

⁵⁹ KHEEL, Marti. From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge, p. 200.

⁶⁰ KHEEL, Marti. Nature and Feminist Sensitivity, p. 259.

⁶¹ KHEEL, Marti. Nature and Feminist Sensitivity, p. 262.



privamos de importantes estímulos que guiam nossas escolhas éticas.” Chegamos ao conceito e proposta de *círculo amoroso* (*circular affair*): a necessidade de envolvimento direto em *todo* processo de tomada de decisões morais. “Devemos fazer de nossas escolhas morais um círculo amoroso.”⁶² Existe um ponto temerário nessa tese, não observada por Kheel, que é o fato de que não temos condições de experimentar (ver, tocar, ouvir, cheirar) a maior parte do mundo por nossa experiência direta. Esse pressuposto da experiência leva a um fechamento das importantes capacidades de aprendizado através da experiência indireta, daquilo além de nossa experiência pessoal. Nesse ponto creio que a capacidade humana de aprendizado não deva ser reduzida ao experimentado, mas aberto ao imaginário.

De todas as propostas sugeridas por Kheel, duas teses podem ser extraídas. A primeira é a fundação de um novo holismo, que perceba a natureza muito parecida como a nova física percebe as partículas subatômicas, compreendendo que os seres individuais são parte de uma *teia* dinâmica de interconexões em que sentimentos, emoções e inclinações (ou energia) desempenham um papel integral no funcionamento do ambiente. Para ela, semelhante ao que ocorre na física quântica, não se pode prever eventos atômicos com certeza, em tempos exatos e lugares específicos, também não se pode definir que uma espécie ou que um indivíduo é de maior ou de menor valor. “A tentativa de formular regras de conduta universais e racionais ignora a natureza de constante mudança da realidade.”⁶³

A segunda tese se funda na necessidade dos eticistas em direcionar seus esforços para a revisão epistemológica da ética, para correção de suas características ocidentais religiosas e machistas. Kheel postula que os “escritores na ética ambiental deveriam gastar menos tempo formulando leis universais e traçando linhas e gastando mais tempo usando a razão para mostrar as limitações de seu próprio pensamento.”⁶⁴ Kheel sugere que o que eles acreditam ser regras e ideias racionais, são, de fato, baseadas em nítidos sentimentos. No entanto, mesmo propondo o fortalecimento da intuição, a autora está ciente que as intuições morais podem ser falhas, pois se a resposta para como tratar uma árvore ou um animal depende do que uma pessoa “ouve intuitivamente” do animal ou da árvore, então nós devemos estar abertos para a possibilidade de algumas pessoas escutarem a mensagem “nos violente, nos espolie, nos escravize.”⁶⁵ Por mais que

⁶² KHEEL, Marti. *Nature and Feminist Sensitivity*, p. 260. Retomando o conceito de *círculo amoroso*: “Ele nos convida a ver valor não como uma mercadoria a ser atribuído por uma análise racional isolada, mas sim como uma dinâmica vivente que está constantemente em fluxo.” Cf. KHEEL, Marti. *The Liberation of Nature: A Circular Affair*, p. 22.

⁶³ KHEEL, Marti. *The Liberation of Nature: A Circular Affair*, p. 22-23.

⁶⁴ KHEEL, Marti. *Nature and Feminist Sensitivity*, p. 263.

⁶⁵ KHEEL, Marti. *Nature and Feminist Sensitivity*, p. 261.



apregoe um intuicionismo, como se houvesse uma conexão metafísica ou instintiva entre o humano e a natureza, Kheel está ciente que essa intuição muitas vezes é falha, pois a “voz interior” pode comandar o mal ao invés do bem para o outro. Para ela, essas pessoas que têm uma intuição voltada ao mal do outro o são dessa forma porque foram condicionadas, aprenderam a viver assim porque seu entorno é violento (patriarcal), no entanto, ao admitir isso, a noção de intuição perde seu sentido ou sua função de salvação (de que se voltar à intuição nos ensinaria a viver em harmonia com a natureza), pois não é inata, mas construída com base no entorno/outro. Essa é uma razão para considerar temerário recorrer a uma intuição para agir eticamente, pois esse impulso (um pulso de dentro para fora) reflete aquilo que foi apreendido do exterior (comumente voltado a dominação e exploração do ambiente), misturado com os desejos e necessidades, satisfações e insatisfações da pessoa. Ser alvo desse impulso de sentimento aleatório (pois advém do além razão/ego) é algo que deixa o paciente moral vulnerável e inseguro do que lhe pode advir.

O recurso a intuição está mais próximo de um recurso de conhecimento da estrutura própria psíquica do agente moral do que de uma teoria ética. O momento de (auto)conhecimento em que o sujeito *se desdobra* para a sua sujeição a *algo mais* em sua psique. Esse processo de desdobramento desses impulsos, sentimentos, ou seja, dessa sua relação com seu inconsciente pode seguir o processo que lhe for mais apropriado estruturalmente: por uma análise psicanalítica, uma psicoterapia ou mesmo uma religião ou culto transcendente (desde que esse e essa não sirvam de pano de fundo para uma psicose). Do desdobramento das intuições e sentimentos pode ocorrer o amadurecimento do agente moral e sua inclusão na ética, advertido de seus limites.

5. Bibliografia

FELIPE, Sônia T. Ética, Dietas e Conceitos. *REVISTA PENSATA ANIMAL*. Disponível em: <<http://www.pensataanimal.net/artigos/38-soniatfelipe/339-etica-dietas-e-conceitos>>. Acesso em: 25 jan. 2010.

KHEEL, Marti. From Heroic to Holistic Ethics: The Ecofeminist Challenge. In: STERBA, James P. (Editor). *Earth Ethics: Introductory Readings on Animal Rights and Environmental Ethics*. 2nd Ed. Prentice Hall, Upper Saddle River: New Jersey. 2000. p. 199-212.

_____. Nature and Feminist Sensitivity. In: REGAN, Tom. SINGER, Peter. *Animal Rights and Human Obligations*. 2nd Ed. Prentice Hall, Upper Saddle River: New Jersey. 1989. p. 256-265.

_____. The Liberation of Nature: A Circular Affair. In: DONOVAN, Josephine. ADAMS, Carol J (Orgs.). *Beyond Animal Rights: A Feminist Caring Ethic for the Treatment of Animals*. Continuum: New York. 1996. p. 17-33.